

VALENTE, A. C. M. M.; SILVA, C. C. C.; GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Enfoques sobre parassíntese em português: da tradição gramatical à lingüística cognitiva. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. [www.revel.inf.br].

ENFOQUES SOBRE PARASSÍNTESE EM PORTUGUÊS: DA TRADIÇÃO GRAMATICAL À LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Ana Carolina Mrad de Moura Valente¹

Caio Cesar Castro da Silva¹

Carlos Alexandre Gonçalves¹

Maria Lúcia Leitão de Almeida¹

anacmrad@gmail.com

caiocvianna@gmail.com

carlexandre@bol.com.br

marialuciala@yahoo.com.br

RESUMO: Verificamos a análise da tradição gramatical e da literatura morfológica sobre o processo de parassíntese em português, procurando mapear as extensões de sentido nas construções parassintéticas a-X-ecer e eN-X-ecer, bem como a atuação da metáfora nas palavras do *corpus*.

PALAVRAS-CHAVE: Parassíntese; Metáfora; Lingüística Cognitiva.

INTRODUÇÃO

Pretendemos, com este trabalho, (1) descrever o processo de formação de palavras denominado de parassíntese e (2) propor uma análise morfossemântica das construções eN-X-ecer² e a-X-ecer com base na Lingüística Cognitivista (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 2002; SWEETSER, 1990). Objetivamos mostrar que a literatura morfológica apresenta duas perspectivas para o fenômeno: a primeira define a

¹ Integrantes do Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português (NEMP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Optamos por representar fonologicamente a nasalidade da parte inicial da construção. No plano escrito, tem-se a possibilidade de grafar esse elemento com <m> ('empobrecer') ou com <n> ('envelhecer'). Além disso, a nasal pode não aparecer, caso a forma de base comece por nasal: 'enegrecer', 'emudecer'.

parassíntese como a ocorrência simultânea de prefixo e sufixo (BASÍLIO, 1991; SANDMANN, 1997); a segunda descreve a parassíntese como um processo de circunfixação (LOPES, 2003; SILVA & KOCH, 2005; HENRIQUES, 2007).

Há, na literatura morfológica, uma proposta que aponta para a existência de um morfema zero na posição sufixal (MONTEIRO, 1997). Neste artigo, pretendemos discutir a consistência da proposta de um zero nessa posição. Além disso, objetivamos verificar se o prefixo a- é portador de significado, ao contrário do que afirmam alguns teóricos (HENRIQUES, 2007).

Com base na Linguística Cognitiva, faremos uma análise histórica das construções parassintéticas analisadas, a-X-ecer e /eN/-X-ecer, a fim de testar a produtividade das mesmas e a estrutura radial a ser proposta, nos moldes de Lakoff (1987). Conforme postulado por Sweetser (1990), a mudança semântica apresenta, como um dos seus estágios, uma relação de polissemia. Além disso, segundo a autora, é relevante uma análise que propõe localizar a origem etimológica da palavra e descobrir como se deu a passagem dessa etimologia para a pragmática. Observaram-se regularidades caracterizadoras de uma estrutura radial, que vai de processo sem causador, passando por processo com causador, até se espriar para psicológico, no caso de eN-X-ecer. Para tanto, fez-se necessária a formulação de campos semânticos que permitissem visualizar a mudança. Com base nesses campos semânticos, propomos uma estrutura radial para explorar a relação entre os grupos a-X-ecer e eN-X-ecer e, assim, melhor controlar o conteúdo semântico das palavras formadas.

1. O PROCESSO DE PARASSÍNTESE: BREVE DEFINIÇÃO

A parassíntese é um processo de formação de palavras caracterizado pela adjunção simultânea de um prefixo e um sufixo ao radical de uma palavra primitiva (CAMARA Jr., 1975; BASÍLIO, 2004; KEHDI, 2005). Segundo esses autores, a exclusão de um dos afixos implica a inexistência da palavra na língua. Vejam-se os exemplos abaixo:

(1) acalmar (a- + calma + -ar)

(2) recadastrar (re- + cadastro + -ar)

De acordo com essa definição, vocábulos como (1) são formados a partir da parassíntese, pois a exclusão do prefixo *a-* ou do sufixo *-ar* resulta em uma palavra agramatical na língua (*acalma / *calmar). Ainda com base na definição apresentada, palavras como (2) não seriam parassintéticas, visto que a exclusão do prefixo *re-* ou do sufixo *-ar* é possível na língua, gerando vocábulos devidamente gramaticais (recadastro / cadastrar). Sendo assim, (2) seria um vocábulo formado por derivação prefixal e sufixal, pois o critério ‘simultaneidade’ não se aplica nesse caso.

2. ABORDAGEM DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

A tradição gramatical, no que diz respeito ao processo de formação de palavras denominado parassíntese, aborda o tema em questão de maneira bastante sucinta e superficial. As gramáticas pesquisadas foram as seguintes: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra; *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima; *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara e, também, o *Novo Manual de Português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*, de Celso Luft. O enfoque de todos esses autores é basicamente o mesmo: eles relatam como o processo ocorre, e em quais casos a parassíntese é mais produtiva.

Segundo esses gramáticos, a parassíntese é caracterizada pela aglutinação de um prefixo e um sufixo simultaneamente ao radical da base, conforme definido e exemplificado na seção precedente. Além disso, esses autores apontam para o fato de se formarem, por intermédio desse processo, essencialmente verbos, embora aceitem que adjetivos também possam resultar de construções parassintéticas, como *desalmado* e *descamisado*. Dessa forma, os gramáticos tradicionais afirmam ser a parassíntese mais produtiva em construções verbais, o que pode ser comprovado pelo elevado número de ocorrências e de elementos morfológicos com essa função, como se vê nos exemplos em (3), a seguir:

- | | | |
|-----|----------|---------------------------------|
| (3) | a-X-ar: | acalmar, apaixonar, agigantar |
| | eN-X-ar | embarcar, engordar, ensaboar |
| | a-X-ejar | apedrejar |
| | des-X-ar | desossar, descabelar, descascar |

3. A PARASSÍNTESE NA LITERATURA MORFOLÓGICA

Com o intuito de melhor caracterizar as construções parassintéticas, buscamos, na literatura morfológica, indicações sobre o assunto e percebemos que, nesse tipo de literatura, pelo fato de os autores seguirem orientações teóricas diversas, encontram-se algumas propostas não aceitas por todos os morfólogos do português. Além disso, há os que partilham da mesma conceituação dada pela gramática tradicional, como veremos nesta seção.

Estudiosos como Sandmann (1997), Rocha (1998) e Kehdi (2005) traçam o perfil da parassíntese a partir do critério da simultaneidade, ou seja, apontam para o fato de que esse processo de formação de palavras é caracterizado pela anexação simultânea do prefixo e sufixo à base, assim como descrevem as gramáticas tradicionais.

Há, ainda na literatura morfológica, outra classificação para o processo. Autores como Lopes (2003), Silva & Koch (2005) e Henriques (2007) afirmam ser a parassíntese um caso de circunfixação, mecanismo do tipo não-concatenativo³, que pressupõe não a anexação de um prefixo e um sufixo simultaneamente, mas a existência de um circunfixo, um morfema descontínuo que se separa pela intercalação da base:

- (4) *eN-caro-ecer* (encarecer)
a-podre-ecer (apodrecer)

Em (4), teríamos os circunfixos “eN...ecer” e “a...ecer” que se separam para que as bases *caro* e *podre* possam ser inseridas em seu interior. Dessa forma, a semântica do processo de formação de palavras estaria, segundo essa proposta, no circunfixo como um todo (e não somente no prefixo ou no sufixo isoladamente). Sendo assim, pode-se definir mais claramente a semântica de cada grupo de formações, pois eN-X-ecer, por exemplo, forma verbos com acepções de caráter processual, transformação contínua, manifestando o aspecto incoativo.

³ Em linhas gerais, um processo não-concatenativo se caracteriza pela falta de encadeamento: as informações morfológicas não necessariamente se manifestam pela sucessão linear de formativos.

4. A PROPOSTA DO SUFIXO Ø

Na literatura morfológica, no que diz respeito às construções parassintéticas de primeira conjugação, ou seja, com sufixo *-ar*, existe uma proposta que defende a idéia de um morfema zero na posição de sufixo. Essa proposta foi postulada por Monteiro (1987) e pode ser observada nos exemplos em (5), a seguir, em contraposição a (6):

- (5) embarcar (em- + barco + Ø + -a + -r)
agigantar (a- + gigante + Ø + -a + -r)
- (6) apedrejar (a- + pedra + -ej + -a + -r)
entardecer (en- + tarde + -ec + -e + -r)

Segundo os autores que seguem essa linha interpretativa, os sufixos de construções como as apresentadas em (6) seriam *-ej-* e *-ec-*, respectivamente, sendo o *-a* uma vogal temática e o *-r* uma desinência de infinitivo (na verdade, uma forma de citação). Partindo dessa análise, teríamos, em (5), um sufixo Ø no lugar do derivacional seguido de vogal temática e desinência de infinitivo, já que, segundo Monteiro (1987), *-ar* é uma seqüência com valor flexional.

Autores como Zanotto (1975), Carone (1994) e Villalva (2000) apontam para o fato de existirem dois tipos de parassíntese: uma formada por sufixo derivacional, outra composta por sufixo flexional. Esses autores não citam a existência de um morfe zero na posição de sufixo, mas, com essa distinção entre dois tipos parassintéticos, fornecem indícios para uma concordância com Monteiro (op. cit.), visto que também classificam *-ar* como desinência flexional, estando a posição de sufixo vazia, como pode ser visto em (7), na comparação entre o primeiro exemplo e os demais:

- (7) ensurdecer (en- + surdo + -ec + -er)
abaixar (a- + baixo + ... + -ar)
ensopar (eN- + sopa + ... + -ar)
avermelhar (a- + vermelho + ... + -ar)
adoçar (a- + doce + ... + -ar)

Autores como Zanotto (1975) e Carone (1994) desmembrariam os vocábulos como em (7) e afirmariam que o primeiro é formado por parassíntese sufixal e as

seguintes são vocábulos compostos por prefixo e sufixo flexional. A diferença entre esses teóricos e Monteiro é que este propõe que, além do sufixo flexional, existiria um sufixo derivacional presente na palavra na forma de um Ø morfêmico.

Sabe-se, no entanto, que o Ø é um artifício teórico usado para tornar as descrições mais coerentes do ponto de vista estrutural. De acordo com Bybee (1985), zeros representam categorias não-marcadas da língua, como, em português, o gênero masculino, o número singular, a terceira pessoa do singular e o tempo presente. Essas categorias não possuem representação fonética por seu caráter mais genérico, o que é comum nas línguas do mundo. Além disso, esses significados gramaticais tendem a se manifestar via flexão, o que leva à proposição de um morfe Ø apenas para a morfologia flexional.

Adotando a proposta de Monteiro (1987), corremos o risco de deixar um Ø, que tem valor mais gramatical (BYBEE, 1985; GONÇALVES, 2005), a serviço da derivação. Assim, entidades sem representação fonética e semanticamente vazias teriam funções as mais variadas na língua, como a expressão de categorias gramaticais e a formação de novas palavras. Caso considerássemos o zero como derivacional, poderíamos, da mesma forma, considerar a existência de um zero de grau neutro, em oposição a -ão (aumentativo) e a -inho (diminutivo).

Nos exemplos em (7), a terminação *-ar* responsável por enquadrar a base nominal na classe dos verbos. De acordo com Nascimento (2006), as chamadas vogais temáticas são elementos morfológicos de reenquadre, já que, quando envolvidas em um processo de mudança de classe do tipo verbo → nome (falar – fala; contratar – contrato) ou nome → verbo (âncora – ancorar; amarelo – amarelar) têm o papel de adaptar uma classe à morfologia de uma outra. Levando em conta essa proposta, não seria lícito propor um Ø para a posição de sufixo de formas como ‘zerar’ e ‘gabaritar’.

Em (7), percebe-se que as bases (substantivas ou adjetivos) são recategorizadas, passando a verbos com a anexação dos formativos que caracterizam a estrutura morfológica dessa categoria lexical. Portanto, a proposta de um sufixo Ø, nas construções parassintéticas a/eN-X-ar, não se sustenta, uma vez que haveria o problema de considerar uma entidade vazia (sem representação fonética) para explicar um processo formação de palavras com função predominantemente sintática, nos termos de Basílio (1987).

5. A RESPEITO DA PROPOSTA QUE DEFINE O PREFIXO A- COMO ASSEMÂNTICO

Alguns autores, como Henriques (2007), Sandmann (1997) e Monteiro (1987), afirmam existir, na parassíntese, um prefixo assemântico (*a-*), em oposição aos prefixos que mais claramente manifestam algum significado, como os que aparecem em (8) a seguir:

- (8) *encarecer*
descamisado
subterrâneo
contemporâneo

Os prefixos em (8) apresentam uma noção semântica clara, apesar de os dois últimos exemplos serem bastante isolados na língua⁴. O prefixo *a-* vem do latim *ad-* e significa “aproximação”, como pode ser visto em *acalmar*, que teria por acepção “aproximar da calma”; o afixo *en-*, advindo do latim *in-*, atribui à construção resultante a noção de transformação processual, como em *encarecer*, que significa “tornar-se caro”; o prefixo *des-* faz referência a uma negação / privação da base, já que *desnortado* referencia algo ou alguém sem norte, sem direção; o *sub-* que faz referência ao que está em posição inferior, significando *subterrâneo*, dessa forma, “o que está debaixo da terra”. No entanto, Henriques (2007), Sandmann (1997) e Monteiro (1987) só atribuem significado aos prefixos em (8), já que, segundo eles, *a-* não contribui com significado algum nas formações parassintéticas de que participam.

Essa proposta de análise, entretanto, pode ser contestada, partindo do pressuposto de que formas assemânticas não são capazes de opor significados, o que não acontece com prefixo *a-*, que pode ser contraposto a outros vocábulos de duas formas: (a) com itens lexicais formados por prefixos diferentes (9) ou (b) com palavras que não apresentam esse prefixo (10).

- (9) *aterrar* X *enterrar*; *abarcas* X *embarcar*; *acampar* X *encampar*
(10) *abaixar* X *baixar*; *acreditar* X *creditar*; *alistar* X *listar*

⁴Esses dados são apresentados como exemplos de parassíntese em praticamente todas as gramáticas tradicionais consultadas.

Os significados das formas, tanto em (9) quanto em (10), são claramente diferentes, visto que *aterrar* faz referência “ao ato de cobrir algo com terra”, enquanto *enterrar* se refere “ao ato de pôr, esconder debaixo da terra”. O mesmo pode ser dito em relação aos vocábulos *abarcar* e *embarcar*, que significam, nesta ordem, “abranger” e “entrar em uma embarcação”. Sendo assim, podemos comprovar que o prefixo *a-* não é assemântico, pois, caso fosse, os vocábulos em (9) teriam a mesma significação, o que não acontece, de fato. Portanto, a presença de *a-* ou *en-* altera o sentido da palavra, o que comprova a tese de que o prefixo *a-* não é assemântico.

Alem disso, podemos contrapor vocábulos que apresentam ou não o prefixo *a-*, como em (10). A oposição de sentido, configurada pela presença ou ausência do afixo, comprova que esse formativo pode agregar significado à base. Caso contrário, palavras como *baixar* e *abaixar* teriam o mesmo significado, o que não acontece, de fato. Analisemos as sentenças em (11) e (12), com várias acepções dos verbos *abaixar* e *baixar*, respectivamente:

- (11) a) O pedreiro *abaixou* o muro.
b) Esperou a poeira *abaixar* para voltar para casa.
c) Fulano deixa se *abaixar* por qualquer coisa.
- (12) a) Um espírito *baixou* em mim durante a prova e consegui tirar 10.
b) Fulano *baixou* aquela música sensacional no celular.
c) O presidente *baixou* um novo decreto.

Percebe-se que os vocábulos contrapostos nos exemplos possuem significados diferentes, o que fornece mais uma evidência de que *a-* não é um prefixo assemântico. Além disso, percebem-se, em (12), significados mais metafóricos e/ou metonímicos, enquanto, em (11), as acepções mantêm, de certa forma, uma relação semântica maior com a base. Não há, em (11), uma especialização tão grande quanto a presente em (12). Em (12a), há a metáfora de que espíritos são entidades superiores e a de que os seres humanos são terrenos; logo, há uma relação de verticalidade entre espírito e homem, relação essa unidirecional, visto que o espírito pode *baixar* no homem, mas o contrário não ocorre. Em (12c), há uma relação hierárquica que se apresenta pelo fato de o presidente ser o líder máximo de uma nação presidencialista. Através dessa metáfora, haveria a idéia de superior-inferior, como propõe Lakoff (1987) e como veremos mais

adiante.

Há, também em (11), sentidos especializados, como em (11c), porém com menos frequência, ao contrário do verbo *baixar*, que apresenta somente acepções metafóricas e/ou metonímicas. Passemos, a seguir, ao principal foco do artigo: a contraposição das formas a-X-ecer e eN-X-ecer.

6. ANÁLISE DOS GRUPOS A-X-ECER E eN-X-ECER

A partir da coleta de dados nos dicionários eletrônicos Houaiss (2001) e Aurélio (FERREIRA, 1996), consideramos improdutivos para análise alguns vocábulos e alguns grupos de formações parassintéticas. Os grupos excluídos do *corpus* são a-X-ejar, con/sub-X-âneo e /eN/-X-inhar, que foram descartados pelo baixíssimo número de ocorrências na língua. Com isso, foram controladas parassínteses que tivessem produtividade e esses grupos apresentam construções fossilizadas e não formam palavras em série, como pode ser visto em (13):

(13) apedrejar, contemporâneo, conterrâneo, subterrâneo e engatinhar

Decididos os grupos com que trabalharíamos, adotamos alguns critérios para definir e delimitar, da melhor forma possível, o *corpus* a ser estudado. Para se chegar ao resultado final, aplicamos testes informais, baseados nos formulados em Sandmann (2000), com falantes da Faculdade de Letras da UFRJ. Esse teste é constituído de vocábulos parassintéticos do grupo eN-X-ecer e contém um quadro com as seguintes marcações: conhecida, aceitável, estranha, inaceitável. Dessa forma, o informante devia marcar uma dessas lacunas para cada palavra (de uso corrente ou inventada).

Foram excluídos do *corpus* vocábulos cuja base pudesse gerar dúvida quanto a sua origem. Como exemplo, tem-se a palavra *embambecer*. Esse vocábulo foi marcado pelos informantes como “estranho” ou “inaceitável” e muitas vezes perguntaram-nos se a citada palavra derivava de *bambi*, fazendo alusão aos homossexuais. Pelo fato de os falantes não conseguirem resgatar a base de vocábulos como esse, optamos por excluir tais formas do *corpus*.

Outro critério adotado para a exclusão foi o não-reconhecimento de bases opacificadas historicamente. Dessa forma, optamos por descartar vocábulos como

ensandecer e *encrudelecer*: os informantes não conseguiram depreender a base desses vocábulos e tão pouco reconhecer os significados dessas palavras.

Com base no teste apresentado aos estudantes, fez-se necessária a exclusão de outros vocábulos, marcados por eles como “estranhos” ou “inaceitáveis”, não usados correntemente na língua portuguesa. Como exemplo desse tipo de palavra, temos *aluzecer* e *enverdecer*, de onde é possível extrair a base, mas não recuperar o significado, já que não são vocábulos usados com frequência.

Optamos por essas exclusões, pois o que nos interessa é fazer uma análise morfossemântica da parassíntese em casos efetivamente transparentes. Sendo assim, só é possível testar a produtividade do processo, tanto morfológica quanto semântica, se a base tiver livre curso no atual estágio da língua.

O *corpus*, como afirmado na introdução, é composto de vocábulos formados por dois tipos de construções: a-X-ecer e /eN/-X-ecer. O gráfico abaixo demonstra a distribuição dos dados entre os dois tipos de construções⁵:

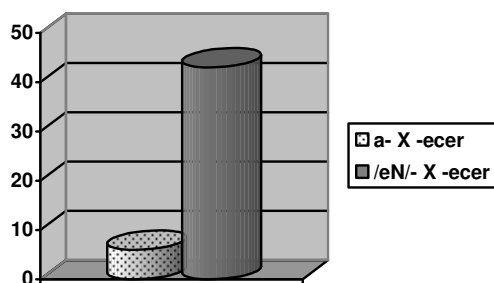


Gráfico 1: distribuição dos dados que compõem *corpus*

A partir da observação dos dados, verificamos a existência de palavras que, apesar de serem formadas por diferentes construções, veiculam o mesmo significado. Pode-se exemplificar essa co-ocorrência com os vocábulos ‘*abranquecer*’ e ‘*embranquecer*’, que, segundo o dicionário Houaiss (2001), significam “ficar branco”. Outro exemplo é o par *abrutecer* / *embrutecer*, que denotam “tornar(-se) bruto, tosco, estúpido”, ainda de acordo com o referido dicionário eletrônico. Com base em registros do cotidiano, verifica-se que apenas os segundos vocábulos dos pares são caracterizados como possíveis. Esses indícios suscitam a formulação de algumas questões, como as seguintes:

⁵ No total, são xx as formações do tipo em-X-ecer e xx, de formas a-X-ecer.

- (a) por que as palavras do grupo /eN/-X-ecer são julgadas como possíveis em escala bastante superior a a-X-ecer?;
- (b) por que, no atual estágio da língua, é bem maior o número de formas eN-X-ecer?
- (c) o que teria acontecido com o grupo a-X-ecer ao longo da história da língua portuguesa? e, ainda,
- (d) há produtividade nesse grupo de formas parassintéticas?

Utilizamos os dicionários etimológicos de Cunha (1999), Nascentes (1955), Silveira Bueno (1967) e Machado (1973) para precisar a datação das palavras do *corpus*. Segue abaixo o quadro com algumas palavras do *corpus* e suas respectivas datações:

Dados	Datação	Dados	Datação	Dados	Datação
Amadurecer	1344	Emburrecer	1998	Enfurecer	1660
Amanhecer	1344	Empalidecer	1671	Engrandecer	Séc. XV
Amolecer	Séc. XVI	Empardecer	1899	Enlouquecer	Séc. XIII
Amortecer	Séc. XIV	Empobrecer	Séc. XIII	Enobrecer	Séc. XIV
Anoitecer	Séc. XIII	Emputecer	-----	Enraivecer	1713
Apodrecer	Séc. XIII	Emudecer	Séc. XV	Enrijecer	Séc. XIII
Emagrecer	Séc. XIII	Enaltecer	1881	Enriquecer	Séc. XIII
Embambecer	-----	Encarecer	Séc. XIV	Enrouquecer	Séc. XIV
Embarbecer	Séc. XIII	Encalvecer	-----	Ensurdecer	Séc. XIV
Embrabecer	-----	Endoidecer	Séc. XV	Entardecer	1881
Embranquecer	Séc. XIV	Endurecer	Séc. XIV	Enternecer	1567
Embravecer	Séc. XIV	Enegrecer	Séc. XIV	Entristecer	Séc. XIV
Embrutecer	1713	Enfraquecer	Séc. XIII	Envaidecer	1899

Quadro 1: alguns vocábulos do *corpus* e a datação

Segundo os dicionaristas, as palavras do grupo a-X-ecer datam do período que se estende do século XIII ao XVI, enquanto surpreende o fato de o grupo eN-X-ecer apresentar vocábulos do mesmo período, mas muitos outros formados posteriormente. Vale citar formações recentes como *emputecer* e *emburrecer*, cujo registro escrito, segundo Cunha, só foi encontrado em 1998. A partir da análise do *corpus*, comprova-se, então, a co-ocorrência das duas construções parassintéticas entre os séculos XIII e XVI.

Observando a significação dos prefixos envolvidos, constatamos que *a-* vem do latim *ad-* e denota “aproximação”, ao passo que /eN/- vem do prefixo latino *in-* e significa “transformação”, mas também “aproximação” como explicitado em seção precedente. As duas estruturas veiculavam, pois, o mesmo sentido, o que nos leva ao Princípio da Economia Lingüística (descrito, por exemplo, em Silva, 2006). Segundo

esse princípio, os falantes tendem a adotar uma das estruturas que estão em concorrência no sistema lingüístico, enquanto a outra se cristaliza. No caso da concorrência entre as construções parassintéticas, a língua “optou” pelas palavras formadas por eN-X-ecer e produziu novos vocábulos a partir desse modelo. Alguns vocábulos de estrutura a-X-ecer sobreviveram a essa seleção, tendo o grupo se fossilizado. Comprova-se essa cristalização com a ínfima quantidade de dados em a-X-ecer: apenas seis vocábulos.

Por outro lado, o grupo eN-X-ecer tornou-se produtivo e apresentou várias extensões semânticas. A fossilização de um grupo e a produtividade lexical do outro ficará mais clara com a apresentação da estrutura radial na próxima seção.

7. AS ESTRUTURAS RADIAIS

Confrontando os dados de eN-X-ecer com os de a-X-ecer, podemos fazer algumas generalizações que se projetam na especialização semântica das construções parassintéticas. O exame do *corpus* permite a separação dos vocábulos em campos semânticos de acordo com as contribuições de sentido verificadas.

Vale a pena ressaltar que o objetivo deste trabalho é fazer o mapeamento das construções a- X -ecer e /eN/- X -ecer. Em outras palavras, verificamos a extensão de sentido das construções morfológicas. Assim, do ponto de vista morfológico, a- X -ecer se apresenta improdutivo no estágio atual da língua, uma vez que não há dados de novas formações lexicais. Em oposição a esse dado, /eN/- X -ecer se mostra ainda produtivo, vide as recentes formações *emputeecer* e *emburrecer*. Se estivéssemos analisando as redes radiais baseados nas palavras, e não nas construções, teríamos estruturas diferentes das que apresentamos. Estas, por sua vez, dariam conta das possíveis extensões de sentido que uma determinada palavra pode adquirir. Em *amortecer*, por exemplo, constaria além de seu significado prototípico de ‘ficar/ estar morto’, a extensão ‘reduzir a força/ intensidade’.

Pretendemos fazer um mapeamento das acepções para observar como se dão as interferências de sentido nas construções e como a mudança semântica atua nessas parassínteses. Entendemos por mapeamento o intercâmbio de informações entre dois conjuntos, no qual elementos do primeiro correspondem a elementos homólogos no segundo conjunto (FAUCONNIER, 1997; SILVA, 2006).

Para fazer esses *mappings*, utilizaremos a estrutura radial (LAKOFF 1987), que se caracteriza por ser uma arquitetura vertical organizada em torno de um domínio prototípico e as conseqüentes extensões de sentido. Com essa rede semântica, objetivamos fundamentar as questões propostas na seção anterior. Se, de fato, houve cristalização do grupo a-X-ecer e maior produtividade de eN-X-ecer, essas diferenças se refletiriam nos levantamentos de domínios. Dito de outra forma, a representação das estruturas radiais das construções revelaria distinções, refletindo a mudança semântica que se deu na parassíntese. Começemos pela rede radial de a-X-ecer, representada abaixo:



Figura 1: rede radial de a- X -ecer⁶

A partir da análise da construção a-X-ecer, propomos o domínio “processo sem causador externo”. Tal domínio comporta vocábulos com valor aspectual de processo, continuidade. Além disso, os eventos expressos pelos verbos não pressupõem causadores, ou seja, ocorrem naturalmente. Podemos exemplificar o grupo com o vocábulo *anoitecer*, que apresenta valor aspectual – indica a passagem do dia para a noite – e não pressupõe uma causa externa: é um fenômeno da natureza. Não significa, porém, que, para não haver causa, o fenômeno em pauta tenha de ser relacionado à natureza. O verbo *amortecer*, em seu significado literal (‘morrer’), apresenta a idéia de continuidade – passagem de um estágio de vida para o de morte – mas não é um fenômeno da natureza; é um processo inexorável à vida. A noção de processo se deve à construção, ao valor aspectual do conjunto prefixo + sufixo, o que reforça a idéia de a parassíntese ser caracterizada pela circunfixação.

Ao examinar a construção eN-X-ecer, percebemos que o protótipo se estende para os domínios periféricos, ou seja, há um espraiamento de significado. Vejamos a estrutura radial na Figura 2:

⁶ Os vocábulos que compõem este grupo são *amadurecer*, *amanhecer*, *amolecer*, *amortecer*, *anoitecer* e *apodrecer*.

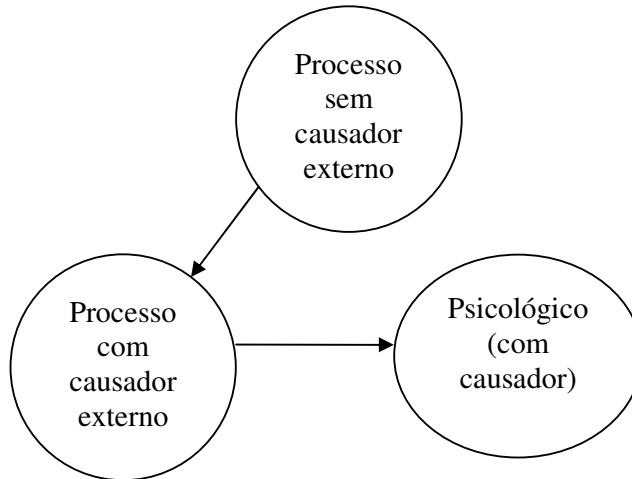


Figura 2: rede radial de eN-X-ecer⁷

Observamos, na Figura 2, que o mapeamento parte do mesmo domínio prototípico presente na rede de a-X-ecer e se projeta em outros. Primeiramente, há o espriamento para o campo semântico “processo com causador”, pois, diferentemente do protótipo, pressupõe uma causa para os fatos expressos pelos verbos do *corpus*. Tem-se, assim, *emagrecer*, no qual há o valor de processo – passagem de gordo para magro – e uma causa, por exemplo, uma dieta, uma doença, a falta de alimentos etc. Outro vocábulo desse grupo é *ensurdecer*, no qual a causa inferida pode ser o excesso de poluição sonora, uma doença, a velhice etc. Além disso, há o continuum [+ audição] → [+ surdez] que expressa o aspecto.

As conexões sistemáticas de sentido se dão, segundo Sweetser (1990), de um domínio concreto para um domínio abstrato. Ainda de acordo com a autora, domínios físicos de verbos freqüentemente passam a domínios psicológicos/ estados mentais. A rede radial de eN-X-ecer é um exemplo dessas projeções, uma vez que apresenta como significado prototípico um domínio físico que se espraia para um domínio de estado mental. Vocábulos que exemplificam o domínio “psicológico” são, entre outros, *emburrecer* e *emputeecer*.

As redes parecem confirmar a proposta de que houve fossilização da construção a-X-ecer, visto que apresentam, ambas, o mesmo domínio prototípico, o que pode constituir resquício da época em que co-ocorriam. Outro fator que corrobora essa

⁷ Alguns dados do Grupo “Processo sem causador externo”: *entardecer*, *encalvecer*, *envelhecer*, *embarbecer*. Exemplos de formas do grupo “Processo com causador externo”: *emagrecer*, *empobrecer*, *enfraquecer*. Palavras do grupo “Psicológico”: *emburrecer*, *emputeecer*, *enlouquecer*, *endoidecer*.

proposta é a estagnação da rede na Figura 1 e a extensão de sentido que ocorre na estrutura apresentada na Figura 2.

8. AS PROJEÇÕES METAFÓRICAS NOS VOCÁBULOS

O léxico se estrutura semanticamente em torno de um significado primário, central, i.e., prototípico, que, com a mudança no curso da língua, estende-se para significados vários. A essa relação de múltiplos significados vinculados entre si e conectados a uma única forma chamamos polissemia, que, de acordo com Silva (2006, 13), é

o fenômeno típico, a estruturação principal da dimensão *semasiológica* das palavras, isto é, a dimensão que parte da componente formal da palavra, ou em termos de Saussure, do *significante* para os sentidos e referentes que podem estar associados a essa forma e, logo, a essa palavra ou item lexical.

Podemos citar como exemplo de polissemia o vocábulo *amortecer*, que apresenta, como sentido prototípico, “ficar morto/ parecer morto”, mas que, em um determinado período de tempo, adquiriu novo significado: “reduzir a intensidade, abrandar, enfraquecer”. É importante salientar, assim como faz Sweetser (1990), que palavras não adquirem novos significados aleatoriamente, pois há regularidades observadas a partir dos mapeamentos semânticos. Percebe-se, então, que nenhuma mudança semântica ocorre sem que haja a intervenção de um estágio de polissemia. Os recentes estudos em Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; SWEETSER, 1990) comprovam que a polissemia opera metaforicamente. Faremos, a seguir, uma rápida revisão da literatura sobre metáfora.

A metáfora é compreendida pela tradição retórica como um mero fenômeno de linguagem, sendo considerada, pois, um desvio da linguagem usual. As teorias platônica e aristotélica estabeleceram a dicotomia Razão x Emoção, na qual a linguagem usual está para aquela, assim como a metafórica está para esta. Esse entendimento de metáfora como um fenômeno da poética se perpetuou até os dias atuais por conta de uma visão objetiva de mundo. Contudo, a partir de estudos de Reddy (1979), lingüistas interessados em investigar como funciona a nossa cognição em relação ao meio repensam a dicotomia literal x metafórico. Com isso, a metáfora deixa de ser entendida como linguagem figurada e passa a ser compreendida como uma operação cognitiva

fundamental, porque rege o modo de conceptualizar nossos atos, pensamentos e, conseqüentemente, o mundo ao nosso redor.

Pretendemos demonstrar, nos exemplos a seguir, como se dá a operação da metáfora nas palavras formadas pela circunfixação eN-X-ecer. Dito de outra forma, intentamos observar como a metáfora atua no espriamento de um sentido prototípico para um sentido periférico.

Verificamos algumas metáforas orientacionais e ontológicas a partir dos estudos de Lakoff & Johnson (2002). Observemos as frases a seguir:

- (14) a) João *enriqueceu* o trabalho com bons argumentos.
b) Maria *empobreceu* a reunião com seu comportamento.
c) Joana *engrandeceu* depois que começou a freqüentar a biblioteca.

Todos os verbos dos exemplos acima apresentam extensões metafóricas do sentido prototípico. Em (14a), João tornou o trabalho rico, não com o auxílio de dinheiro, mas através do aprimoramento; da forma inversa ocorre no exemplo em (14b). Já em (14c), Joana cresceu não fisicamente, mas intelectualmente depois de um determinado ato. Temos, assim, em uma escala de proporcionalidade em que X (o verbo parassintético) acontece depois que Y é executado (os complementos dos verbos). Os autores de *Metáforas da Vida Cotidiana* propõem a metáfora orientacional STATUS SUPERIOR É PARA CIMA; STATUS INFERIOR É PARA BAIXO que, no presente trabalho, aplica-se aos exemplos de (a) a (c). Vejamos a frase em (15) a seguir:

- (15) João *enfraqueceu* Maria no debate pelo grêmio estudantil.

Seguindo Lakoff & Johnson (2002), inferimos que há uma competição entre dois candidatos adversários e que, nesse confronto, João exerce controle sobre Maria. Podemos concluir que João se encontra em uma posição superior em relação à candidata Maria. Isso é estabelecido a partir de nosso conhecimento de mundo, que apresenta a questão de ter controle sobre um oponente, como estando (a) na frente em um placar, (b) em uma posição à frente em uma corrida ou (c) acima, em uma luta corporal. Assim, nossa cognição atua metaforicamente e projeta esse significado para um debate, ou seja, uma competição eleitoral. Estabelecemos a metáfora orientacional TER CONTROLE É PARA CIMA; SER CONTROLADO É PARA BAIXO (LAKOFF & JOHNSON 2002).

Apresentam-se, nos dados, também metáforas ontológicas. Observemos os exemplos a seguir:

- (16) João *amadureceu* com o tempo.
- (17) Pedro *apodreceu* depois que se juntou àquela gatinha.

Nossa cognição opera a partir de nosso relacionamento com o meio. Sabemos que uma entidade física pode amadurecer ou apodrecer, como em, por exemplo, “a fruta amadureceu”. A partir dessa constatação, estabelecemos uma conexão da entidade física com a nossa mente. Então, assim como uma entidade física pode amadurecer ou apodrecer, a nossa mente também pode. Essa ligação é licenciada pela metáfora ontológica MENTE É ENTIDADE NATURAL.

Analisemos agora a mudança semântica na palavra *amolecer*, observando os seguintes exemplos:

- (18) a) João *amoleceu* o chocolate em banho-maria.
a’) O nascimento da filha *amoleceu* João.
- b) João *endureceu* o chocolate.
b’) A vida difícil *endureceu* João.

Segundo Sweetser (1990), conceptualizamos os domínios abstratos a partir dos domínios concretos. A tendência é o [+ concreto] estar relacionado ao sentido prototípico em um mapeamento, enquanto o [+ abstrato] se relaciona aos sentidos mais periféricos. Com isso, podemos afirmar que, nos exemplos em (18), entendemos as sentenças (a’ e b’) a partir da compreensão das sentenças (a e b).

Com base no exposto, podemos afirmar que a metáfora é uma operação cognitiva fundamental, pois rege nossos atos e pensamentos. Ao contrário do que postula a semântica baseada na retórica clássica (aristotélica), a metáfora é um fenômeno central da linguagem e, por isso, faz parte de nossas ações cotidianas. Pudemos, a partir do mapeamento das extensões semânticas, (a) perceber que a metáfora opera entre domínios e (b) visualizar como ocorre a mudança semântica nas construções parassintéticas a-X-ecer e eN-X-ecer.

9. PALAVRAS FINAIS

Constatamos neste artigo, o fato – que vem sendo apontado por Gonçalves (2004) – de que a morfologia do português também pode se estruturar por mecanismos chamados não-concatenativos. Pudemos observar que a parassíntese é um exemplo de processo não-concatenativo do português, uma vez que identificamos, em sua formação, a presença de circunfixos (e não de prefixos e sufixos isoladamente). Verificamos ainda que, a partir de uma análise cognitivista, não é consistente postular um zero para a posição de sufixo nesse tipo de operação morfológica.

Verificamos, também, que à forma correspondem processos significativos associados, o que prova, assim, não ser a morfologia uma área de estudo desvinculada da semântica. Para tanto, fizemos uso de estruturas radiais para mapear as extensões metafóricas das construções parassintéticas. Observamos, dessa forma, os processos de extensão de significado, meio da metáfora, conforme postulado por Sweetser (1990), Lakoff (1987) e Lakoff & Johnson (2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
2. _____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1991, p. 43-47.
3. BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, p.184.
4. BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico, prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.
5. BYBEE, Joan. *Morphology: the relations between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1985.
6. CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
7. CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1994, p. 41-42.
8. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

9. CUNHA, Celso & CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.102.
10. FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. *apud*: SILVA, Augusto S. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Almedina, 2006.
11. FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 30ª edição. São Paulo: Globo, 1993.
12. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1996.
13. FIORIN, José Luiz (org). *Morfologia*. In: Introdução à lingüística II: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003, p. 59-80
14. FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de Morfologia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1997.
15. GONÇALVES, Carlos Alexandre. Processos não-concatenativos de formação de palavras em português: formato morfoprosódico e latitude funcioal. *Alfa: Revista de Lingüística*, Araraquara, v. 48 (1): 9-32, 2004.
16. GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.
17. HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
18. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva: 2001.
19. KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2005.
20. LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
21. LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras e Educ, 2002.
22. LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia da língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-carimbos, 2003, p. 45-63.
23. LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*. 8ª edição. São Paulo: Editora Globo, 1990, p. 79-80.

24. MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
25. Michaelis: *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.
26. Miniaurélio Eletrônico versão 5.12. Positivo Informática: 2004.
27. MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza: EDUFC, 1987.
28. NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
29. NASCIMENTO, Mauro J. R. do. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da Gramática das Construções* 2006. Tese (doutorado em língua portuguesa – Faculdade de Letras, UFRJ, RJ, 2006
30. ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
31. ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p.213.
32. SANDMANN, Antônio José. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1997a, p. 73-74.
33. _____. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997b, p. 46-47.
34. SCALISE et al. *apud* ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
35. SILVA, Augusto S. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Almedina, 2006.
36. SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 2005, p.38-40.
37. SWEETSER, Eve E. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects os sematic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
38. VILLALVA, Alina. *Estrutura Morfológica básica*. In: Mateus et alli. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª edição, 2000.

RESUMO: Verificamos a análise da tradição gramatical e da literatura morfológica sobre o processo de parassíntese em português, procurando mapear as extensões de sentido nas construções parassintéticas a-X-ecer e eN-X-ecer, bem como a atuação da metáfora nas palavras do *corpus*.

PALAVRAS-CHAVE: Parassíntese; Metáfora; Linguística Cognitiva.

ABSTRACT: In this paper, we intend to give an overview about portuguese circumfixation constructions in traditional outlook and in morphology literature. Moreover, we tried to map the sense extensions using radial networks and to understand how metaphor is involved in meaning change.

KEYWORDS: Circumfixation; Metaphor; Cognitive Linguistics.

Recebido no dia 04 de dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 02 de março de 2009.